

Brasília dos outros tempos

CORREIO BRAZILIENSE
1960
1975
REDE TUPI BRASÍLIA

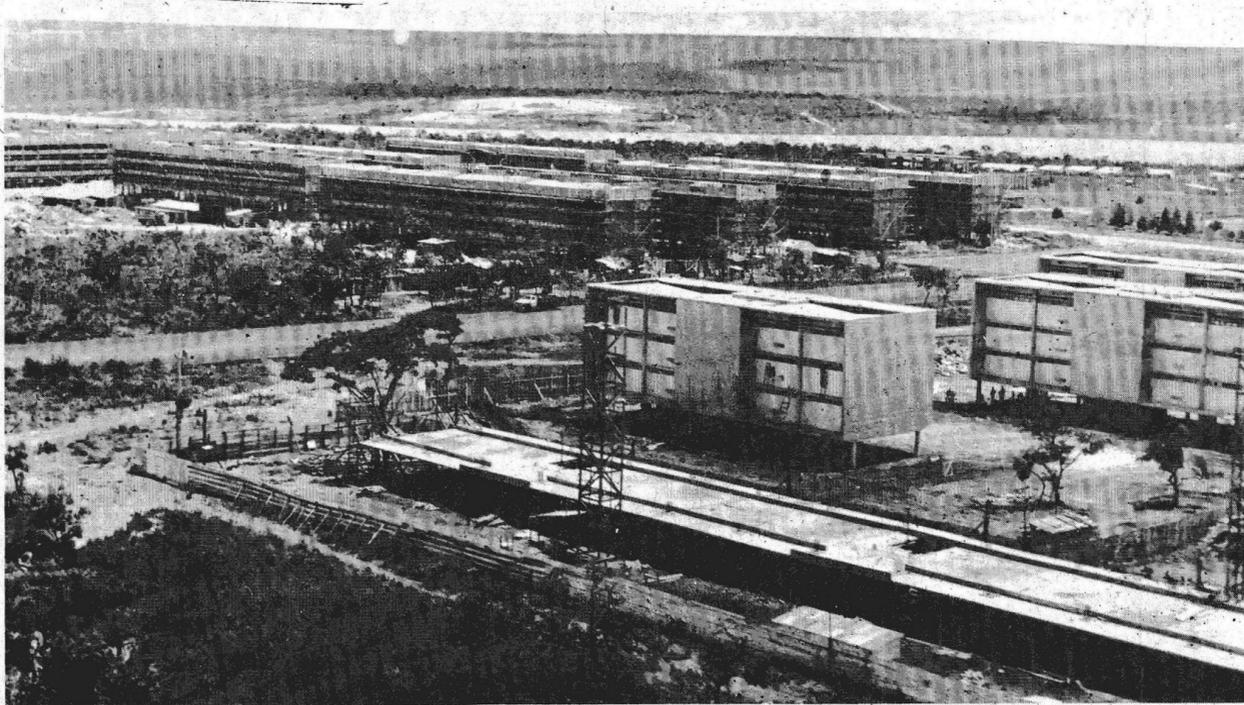
Brasília está nos seus 15 anos. Cidade fantástica, querida por uns, odiada por outros, admirada por muitos; combatida e defendida com o mesmo arrojo e paixão, a "obra do século", como foi chamada, é, sem sombra de dúvida, uma realidade. Como foi construída e consolidada; como cresceu e se desenvolveu; suas crises e seus dias de glória; a epopéia dos pioneiros; tudo enfim vem sendo mostrado, em reportagens quase que diárias, por este jornal. Hoje vamos abordar o lado exótico e pitoresco da cidade, lembrando acontecimentos engraçados ou estranhos que também marcaram a história de Brasília, sobretudo em sua época pioneira, nos idos de 1957 a 1960.

O PROBLEMA FEMININO

Mulher foi um problema crucial, sobretudo na época da construção, especialmente em 1957 e 1958. E o problema estava não na presença mas, exatamente na ausência.

Uma estatística do IBGE, feita no dia 20 de julho de 1957, dava para Brasília de então uma população total de 6.283 pessoas, das quais 4.600 era do sexo masculino e apenas 1.683 do sexo oposto. Para agravar ainda mais o problema, entre os 4.600 representantes do sexo forte, 1.974 deles eram casados o que, se subentende, que não havia nenhuma mulher para os solteiros e ainda sobravam alguns casados que estavam aqui sem as esposas. Com tal carência, agravada pela solidão do Planalto, pela falta de "eletricidade, de cinema, televisão ou qualquer outra paliativa, vê-se que a coisa era séria mesmo e os casados tinham que redobrar seus cuidados, com tanta carência de "mão de obra" feminina. Coincidência ou não, os desquites se tornaram alarmantes.

Evidente que, não fosse a "dureza" do velho Israel Pí-nheiro, então o "dono" de tudo que se fazia em Brasília, essas estatísticas seriam mais favoráveis. Mas, a Novacap zelava, com toda a vigilância e rigor e era adotado o lema: mulher só acompanhada. Sem profissão definida e sem família, não tinha acesso. Foi a época de ouro das "boates" das cidades mais próximas como Luziânia e Planaltina. Aos sábados e domingos o movimento ali era intenso. No início, "matéria" era de meter medo, melhorando depois com



a imigração e o excesso da procura. Quando um solteiro chegava em nosso acampamento, lembro-me bem, geralmente a primeira pergunta era a óbvia. Nosso colega mais antigo, quarentão e "dobrado", um ex-cabo da Força Expedicionária, desiludido logo o neófito, contando que ele fora à Planaltina examinar o "material" e a "miss" da melhor boate de lá, para se parecer com ele, ele tinha de fazer uma careta!

Os que dispunham de mais dinheiro e de um jipe, geralmente enfrentavam o lama ou a poeira e as longas seis horas de viagem que representavam então uma ida a Goiânia, ainda sem a rodovia definitiva que hoje a liga a Brasília.

Para concluir esse item, vale recordar que a mesma estatística do IBGE, dizia ainda que das 6.283 pessoas que formavam a população de Brasília no dia 20 de julho de 1957, 2.075 delas estavam entre as idades de 21 a 30 anos. Idade

que, como é óbvio, só agravava o problema. Esse foi, convenhamos, um alto preço pago pelos pioneiros.

CURIOSIDADES

Toda construída em casas de madeira, uma vez que fora feita para ser destruída em abril de 1960, a chamada "cidade livre" era o centro de tudo, entre 1957 e 1957. No Plano Piloto, um esparramado canteiro de obras, ficavam apenas os acampamentos dos IAPs de então ou das firmas empreiteiras. Em 1957, na Asa Sul, estavam em construção os primeiros blocos de apartamentos das super quadras 208; 206; 108; 106 e 105. Acontece que ninguém conhecia as quadras por seus números e sim pela sigla do IAP que tinha a responsabilidade do financiamento da construção.

Assim a 108 era o IAPB; a 106 o IAPC; a 105 o IAPI e as 206 e 208 o IPASE. Vale lembrar aqui uma outra designação curiosa que surgiu mais tarde, quando

se iniciou a construção da quadra 409, também a cargo do IAPI. Como os blocos dessa quadra eram de três pavimentos, sem pilotis e sem elevador, aquela quadra ficou conhecida então com "o IAPI pobre", enquanto a 105, com blocos envidraçados e elevador era "o IAPI rico".

Sem lago, sem praia, sem qualquer tipo de distração, a alegria dos operários, aos domingos, era uma renhida "pelada" em campos improvisados. Diziam mesmo que muitas firmas usaram o futebol como um meio de limpar os terrenos onde pretendiam construir. Um trator cortava o mato mais grosso e os engenheiros colocavam as duas balizas e davam uma bola aos operários. Com dois domingos a área estava lisa e socada, como se fora asfaltada. Por isso o time do IPASE ficou conhecido como o "arranca toco". Outra curiosidade era a total falta de preocupação com regulamen-

tos. Os times às vezes tinham até 20 jogadores de cada lado e, em sua maioria jogavam de cuecas e descalços.

Pernas quebradas nunca houve, pelo menos no "arranca toco", mas dedos esfolados e unhas arrancadas eram acidentes comuns.

Ô QUEBRA-GALHO

A mão de obra em Brasília era coisa bastante difícil em fins de 1957 e em 1958. A entrada na cidade era controlada pela Novacap e pelo INIC (Instituto Nacional de Imigração e Colonização). Todos os operários que chegavam a Brasília tinham que passar no posto do INIC, funcionando numa dependência do barracão sede da Novacap (hoje "velha-cap"). Ali eles eram identificados e vacinados. Declaravam a profissão e recebiam um cartão e eram encaminhados para um dos canteiros de obras dos diversos IAPs, no Plano Piloto, que indicavam antes, ao INIC, suas necessidades. Como a

carência de pessoal era grande, muitas firmas colocavam "fiscais" junto ao posto do INIC para garantir a distribuição justa. Alguns desses "fiscais" às vezes "premiavam" o pessoal do INIC para ser melhores a quinhoados.

Ao ser identificados no posto do INIC, os operários descobriam que ninguém testava a profissão que eles declaravam e começavam a aparecer os espertos que passavam antes numa loja de ferragem, compravam um serrote e se declaravam carpinteiros, cujos salários eram mais altos. Foi daí, talvez a origem da afirmação corrente então de que Brasília era "a cidade do quebra-galho". Aliás, é fato verdadeiro, já relatado pelo nosso Ari Cunha, que apareceu um rapaz na Novacap procurando emprego e se declarou "topógrafo" que era, aliás, sua profissão. Acontece que a palavra foi entendida como topógrafo e, no dia seguinte, o rapaz estava no campo, com um teodolito que nunca vira antes.

ALCUNHAS E PIADAS

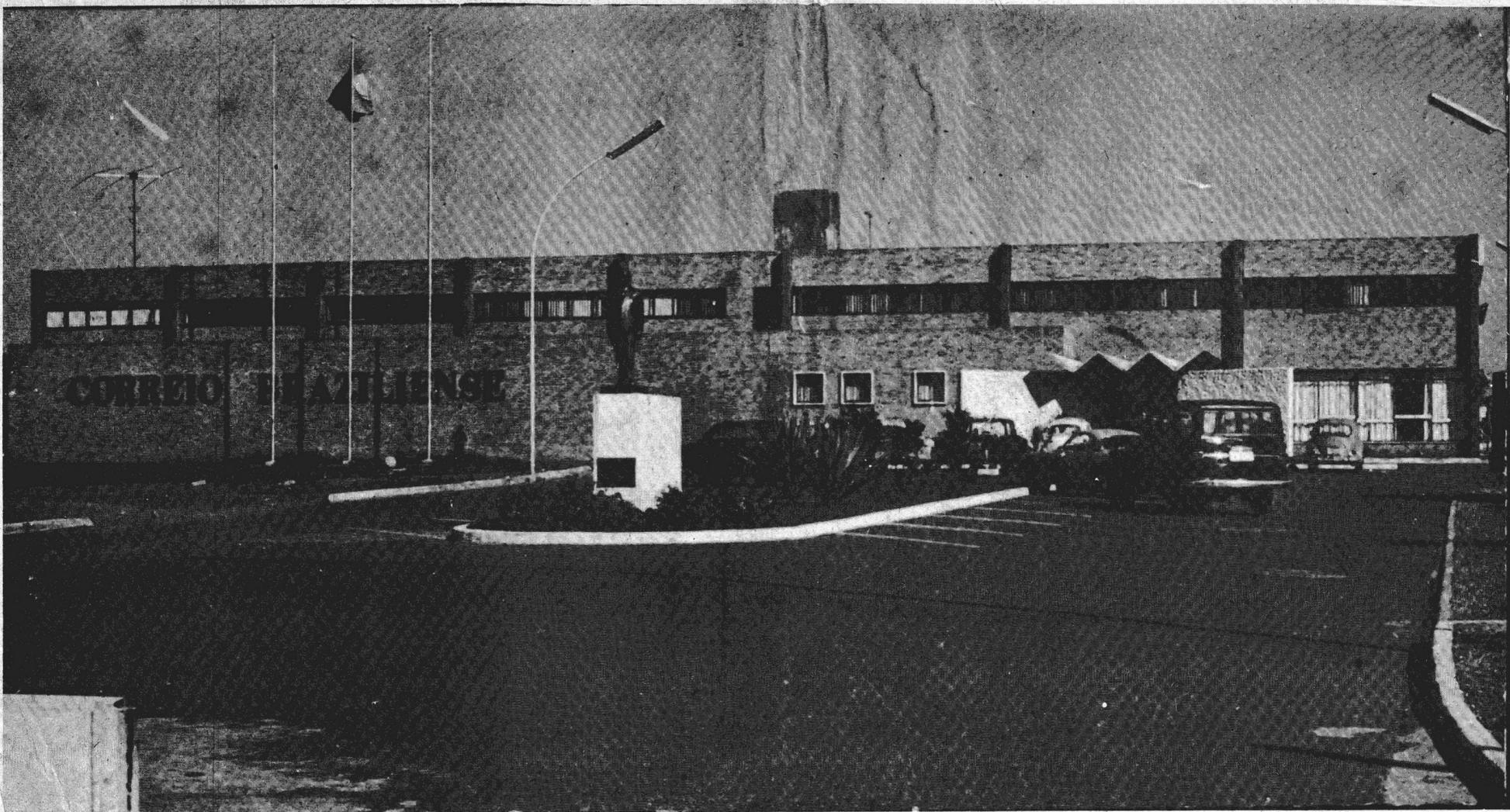
Os apelidos, um gosto tão brasileiro, eram numerosos e curiosos então. Conheci um operário que seus companheiros chamavam-no de "três motor" e me explicaram que era porque ele entrava três vezes na fila do almoço e outras três na do jantar. Um sergente pernambuco que trabalhava comigo, no IPASE, usava sempre uma "peixeira" na cintura. Como era contra o regulamento, pedi-lhe para não usar a faca durante o serviço e guardei-a comigo. Mais tarde ele veio me procurar, dizendo que não podia trabalhar sem a faca na cintura, pois, tinha a impressão de que as calças estavam sempre caindo. A solução foi colocar no lugar da faca um pedaço de tábua.

Todos os operários que chegavam, geralmente passavam os dois primeiros dias com forte desarranjo intestinal. Assim, o médico do nosso acampamento, dr. Rômulo Marcollo, ainda em Brasília, receitava para todos comprimidos especiais. Por causa disso, ele acabou sendo conhecido como "dr. piula".

Um seu colega, do IAPB, que, para a mesma doença dava um remédio líquido, numa caneca de alumínio, era o "dr. caneca".

Mas, as piadas não foram apenas da época pioneira da construção. Brasília já cidade inaugurada, recebia seus primeiros ocupantes. Um Deputado, revoltado com a cidade e com a repartição que cuidava de sua instalação, chegou a jogar seus móveis pela janela de seu apartamento. Outro queixava-se que a cidade era tão triste que se morava aqui em quadras, como os cemitérios. Outro, que discutia Brasília com um amigo que lhe lembrava ter a cidade "um clima maravilhoso e um por de sol bellissimo", retrucou: "não sofro dos pulmões para necessitar de clima bom nem sou poeta para andar olhando por do sol".

Mas, a maior piada, a grande ironia, a cidade guardou para aqueles que não acreditavam nela. Os 6.283 habitantes de 20 de julho de 1957 são hoje, 600 mil e a cidade é uma realização definitiva e um marco na nova história do país. Foi, inegavelmente, o ponto de partida para arrancada de um Brasil novo, para a posse efetiva de nosso imenso território. E isso tudo faz apenas 15 anos!



Nós temos visto e lido muita divulgação em torno de uma comemoração dos quinze anos do Correio Braziliense e TV Brasília. Essa comemoração é, também, para os 15 anos da Capital do Século.

Nós queremos dar os parabéns ao jornal e à televisão, pois fomos nós que fizemos todo o transporte desses órgãos para que aqui se implantassem. Portanto, desejamos ao Correio Braziliense e à TV Brasília, nossos mais efusivos votos para que continuem a divulgar pelos confins do nosso Brasil o êxito do petróleo de Campos, do fosfato de Patos de Minas, do ferro de Minas Gerais, do cacau da Bahia, do algodão de Goiás e do nordeste.

Os nossos votos e congratulações

EXPRESSO MINEIRO LTDA.
18 anos em Brasília